

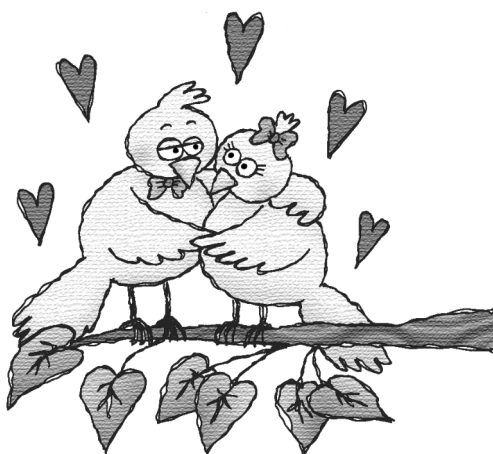
TÂNIA ALEXANDRE MARTINELLI

# procura-se um planeta sustentável

ilustrações

Camila de Godoy Teixeira

DIALOGO



editora scipione

*Gerência editorial*  
Sâmia Rios

*Edição*  
Mauro Aristides

*Assistência editorial*  
José Paulo Brait

*Preparação de texto*  
Ivonete Leal Dias

*Revisão*  
Claudia Virgilio,  
Viviane Teixeira Mendes  
e Paulo Stefani

*Coordenação de arte*  
Maria do Céu Pires Passuello

*Diagramação*  
Carla Almeida Freire

*Programação visual de capa e miolo*  
Didier Dias de Moraes



**editora scipione**

---

Avenida das Nações Unidas, 7221  
Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE  
Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.aticascipione.com.br  
e-mail: atendimento@aticascipione.com.br

---

2018

ISBN 978-85-262-8294-0 – AL

CAE: 262471  
CL: 737840

2ª EDIÇÃO  
13ª impressão

*Impressão e acabamento*



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Martinelli, Tânia Alexandre

Procura-se um planeta sustentável / Tânia Alexandre Martinelli; ilustrações de Camila de Godoy Teixeira. – São Paulo: Scipione, 2004. (Série Diálogo)

1. Literatura infantojuvenil I. Teixeira, Camila de Godoy. II. Título. III. Série.

04-0689

CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

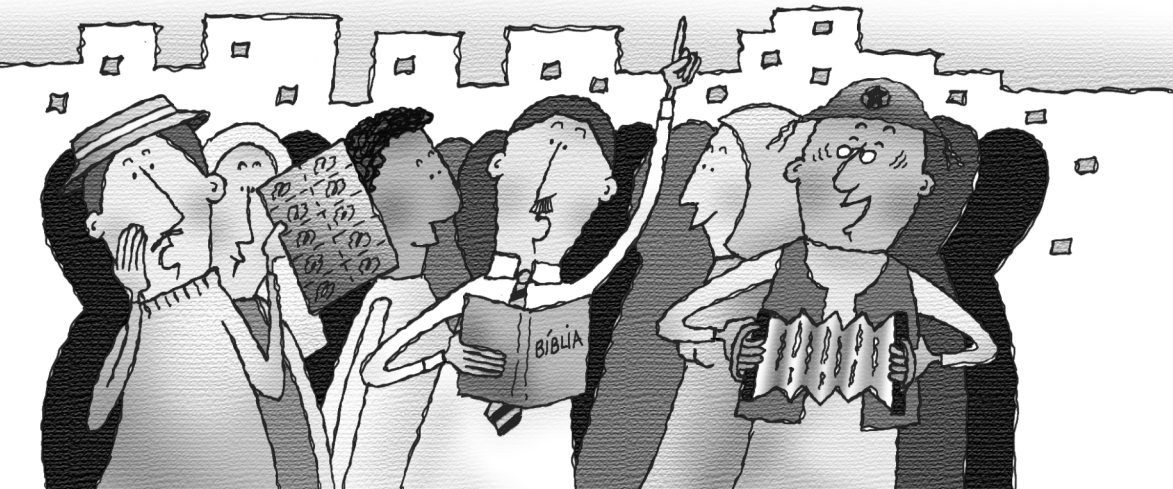
*Para Marilice Calefi, Marcos Montrásio  
e Lilia Torres.*

*Para o Greenpeace e outras tantas ONGs  
que lutam para pôr fim à guerra contra o  
planeta.*

# SUMÁRIO

A tragédia .....	6
Um crime! .....	9
<i>E-mail 1</i> .....	13
Papo chato .....	17
Ainda sem notícias .....	20
Surpresa, à noite .....	24
Outro telefonema .....	27
O vizinho .....	30
Correria .....	33
<i>E-mail 2</i> .....	36
<i>E-mail 3</i> .....	37
Na mesma .....	39
A caminho de casa .....	42

Confuso .....	46
Reencontro .....	49
Pânico .....	55
Tumulto .....	59
Mais uma vítima .....	62
Notícias .....	64
É preciso fechar! .....	67
De volta para a escola .....	70
Emoção .....	73
Mundo da lua .....	77
Conflitos .....	83
A multa .....	85
O escritório da ONG .....	88
<i>E-mail 4</i> .....	91
<i>E-mail 5</i> .....	93
A ISO 14000 .....	95
A reportagem .....	99
O choque .....	103
O catalisador .....	107
<i>E-mail 6</i> .....	111
<i>E-mail 7</i> .....	114
Convite .....	116
Amaral .....	119
Esperanças .....	122
<i>E-mail 54</i> .....	124



## A tragédia

**J**á nem se lembrava mais de como era o centro da cidade. Lotado. Fazia um bom tempo que não andava por lá. Só tinha ido mesmo por causa de uma camiseta estampada com o nome de uma de suas bandas preferidas. E ainda bem que tinha achado. Fora das lojas, o atropelo de pessoas era o mesmo. Em todos os lugares por onde passava era assim. Um sufoco.

Nos cruzamentos do calçadão havia de tudo. Rafael observou um vendedor de loteria e um homem discursando com a Bíblia nas mãos. Poucos passos separavam um do outro. O primeiro oferecia o sonho de ganhar milhões e resolver de vez a vida; o segundo, a palavra de Cristo e a salvação.

Pouco mais à frente, uma mulher e uma criança estavam sentadas debaixo de uma marquise e interpelavam a todos que por ali passavam. Do outro lado, um tocador de san-

fona. Sua música contrastava com o som alto de pagode que saía de uma das lojas. Rafael olhou para o sanfoneiro. Um senhor que aparentava uns sessenta ou setenta anos, era difícil definir. Às vezes, as pessoas parecem mais velhas do que realmente são.

O garoto enfiou a mão em um dos bolsos da bermuda, tirou uma moeda e a depositou no chapéu deixado no chão. O homem agradeceu sem parar sua música, apenas fazendo um gesto com a cabeça.

Rafael continuou andando e passou em frente a uma banca de revistas. Enquanto caminhava, ouviu alguém dizer ao jornalista:

– É disso que nós precisamos. Emprego para as pessoas da cidade. O senhor veja só como anda a situação...

E a voz sumiu, conforme o menino se distanciava.

“Na certa, falavam sobre a multinacional”, Rafael tentou adivinhar. Desde que ela se instalara na cidade, havia pouco mais de um mês, esse era um dos assuntos preferidos da população. “Será que isso não vai acabar nunca?”

Deixou de lado os senhores da banca de revista quando, de repente, percebeu uma concentração de pessoas em frente à vitrine de uma grande loja de eletrodomésticos. Toda a atenção estava voltada para os vários televisores ligados e sintonizados num mesmo canal. Rafael ficou curioso para saber o que tanta gente estaria assistindo.

Imagens maiores, menores, gigantescas. O garoto imaginou uma tevê grande como aquela em seu quarto. Será que haveria espaço para mais alguma coisa?

Foi quando realmente deixou de divagar para prestar atenção. Seus olhos engoliam vorazmente cada cena projetada. Sentimentos de espanto e terror se misturavam cada vez mais rápido dentro de sua cabeça. As pessoas também se mostravam assustadas e apreensivas.

– Coitadinhos! – Rafael ouviu alguém dizer. Num impulso, procurou com os olhos aquela voz de mulher, sem conseguir identificar. Segundos depois, voltou a atenção para a tevê.

O garoto franziu as sobrancelhas e balançou a cabeça de um lado para o outro. Não era possível que tudo estivesse acontecendo outra vez. Mais uma vez. Não era possível! Mas infelizmente era isso mesmo. Tudo se repetia sem que ninguém tivesse tomado qualquer providência. Nenhuma providência.

O noticiário informava que voluntários de uma ONG internacional, funcionários do governo e moradores locais estavam fazendo de tudo para tentar salvar o que fosse possível. Aquilo era uma tragédia!

– Acho que eles não vão conseguir...

Rafael escutou outra voz, mas agora pôde identificar. Era de uma senhora que estava ao seu lado:

– Que pena! Isso é um crime! Depois falam que nós, humanos, somos seres racionais. Tanto raciocínio para fazer isso? – a mulher esticou o braço, apontando as imagens. Rafael acompanhou o movimento com os olhos.

Na tela da tevê, homens com ferramentas tentavam bloquear o impossível. Cavavam a areia, faziam barreiras, agiam como podiam. Mas era tudo muito difícil. Outros voluntários



usavam as próprias mãos como pás e, delicadamente, tomavam nos braços aqueles seres frágeis e indefesos, quase inertes.

Rafael teve a sensação de que as pobres aves, na impossibilidade de falar ou reclamar, tentavam expressar sua dor dirigindo o olhar às pessoas em volta, como se dissessem: “eu quero viver”.

As gaivotas, mais uma vez, eram impedidas de voar.

## Um crime!

— **C**rime. Isso é um crime!

Ângela escutou quando o filho bateu a porta da sala. Saiu rapidamente do quarto para ver o que estava acontecendo, tamanho o susto que levou.

– Que foi, Rafael? – a mãe perguntou, preocupada. – Eu escutei bem? Você falou em crime?

– Claro que eu falei! – ele confirmou no mesmo instante.  
– Um crime! É isso o que é!

A mulher mostrava-se aflita.

– Está me deixando assustada, Rafa. O que aconteceu? Você viu algum... crime?! Meu Deus do céu!

O garoto nem ligou para o que a mãe poderia estar pensando. Sentia-se longe, lá no centro da cidade, com todas

aquelas imagens dos televisores à sua frente. Em vez de esclarecer, deixou-a mais preocupada ainda.

– Vi um crime, sim, mãe.

– Ah, meu Deus! – Ângela levou as mãos ao rosto, incrédula. – Onde? Quando? Como? – foi dizendo tudo de uma vez.

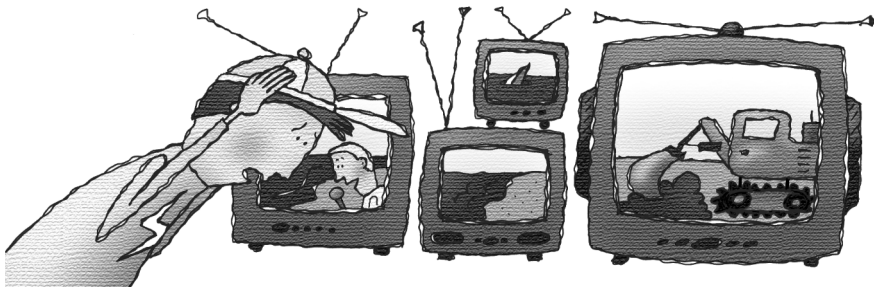
Rafael continuou a reclamar, muito bravo:

– Um crime igual aos que já aconteceram e que vão continuar acontecendo! E sabe por quê? Porque ninguém faz nada! Absolutamente nada! O Amaral é que está certo. O mundo está cheio de pessoas gananciosas, egoístas... – balançava a cabeça, concordando consigo mesmo.

Ângela ficou mais aliviada. Soltou os braços e olhou para o filho como se o estudasse. Se Rafael tinha falado no nome do tio era porque estava havendo algum mal-entendido naquela conversa. Resolveu esclarecer.

– Rafa – começou com calma –, do que exatamente você está falando?

– Das gaiivotas, mãe! – respondeu na mesma hora, dando alguns passos num semicírculo. Em seguida, parou, voltando-se para ela. – Aliás, não só das pobres gaiivotas como também dos milhares de peixes e pássaros mortos. Mortos, não! Assassinados!



A mulher continuou com os olhos fixos no garoto. Não disse nada, simplesmente ficou aguardando mais alguma explicação. Não podia negar que sentira um certo alívio, e seu coração já voltava ao ritmo normal.

– Por causa do petróleo, mãe – Rafael continuou. – Um navio petroleiro sofreu um rombo no casco e derramou não sei quantas mil toneladas de petróleo no mar. E não é a primeira vez que isso acontece, você sabe. Só que agora parece que o desastre é muito, mas muito pior!

– Nossa... – as palavras do menino conseguiram deixar Ângela sensibilizada com a situação. – E quando foi isso, Rafa?

– Hoje, agora há pouco. Vi por acaso porque passei em frente a uma loja com um monte de aparelhos de tevê ligados. Estavam dando uma notícia extraordinária.

– Então, acho que vão falar mais alguma coisa... – a mulher pegou o controle remoto no sofá e ligou a televisão.

– Como é que pode, mãe? Será que essa gente não tem coração?

– Coração eles têm, filho – Ângela respondeu sem desviar os olhos da tevê, toda a sua concentração voltada para a tela, passando de canal em canal. – Mas acidentes acontecem.

– Só que eles poderiam ser evitados! – disse Rafael, ainda nervoso. – O Amaral é que está certo. Ele, sim!

A mãe encarou o filho:

– O Amaral tem razão em muita coisa. Mas não leve tão a sério tudo o que o seu tio diz, porque...

– Por que o quê, mãe? O seu irmão é o cara mais inteligente que eu conheço!

– E o mais radical também. Por ele, a gente ainda estaria vivendo na idade da pedra – Ângela riu. Mas Rafael não gostou nem um pouco.

– Quem disse isso? Que bobagem! Ele nunca falou uma coisa dessas!

Ângela desfez o riso dos lábios e disse, séria:

– Estou brincando, Rafa – e, depois de uma pausa, continuou: – Não é bem assim, mas...

Rafael nem deixou a mãe terminar:

– Só porque ele quer que a gente aprenda a viver em paz com o planeta? Só porque ele é contra essa exploração desenfreada que o homem vem fazendo? Só porque ele se preocupa com as gerações futuras? Só por isso?

– Está bem, filho. Está bem... – Ângela teve a sensação de que Rafael queria deixá-la tonta de tanto falar. – Não vamos discutir por causa disso.

No mesmo instante, voltou a passar de canal em canal.

– Que coisa! – ela reclamou. – Não estão mais dando notícia alguma...

– Vai ver, estão esperando o jornal da noite. Na certa vão mostrar toda aquela crueldade outra vez.

